



# monumentos

CIDADES | PATRIMÓNIO | REABILITAÇÃO

32

DEZEMBRO 2011

## DOSSIÊ: Bragança

- Álvaro Domingues 6 **Trás-os-Montes, Compendio das Observações que formam o plano da Viagem Política, e Filosófica a partir de Vergílio Taborda**
- Maria José Casanova 24 **Bragança, cidade-fortaleza situada no extremo de portugall e castella**
- Mafalda Soares da Cunha 42 **Bragança e a casa ducal: comunicação política e gestão senhorial, séculos XV-XVII**
- Luís Alexandre Rodrigues 52 **Bragança: urbanismo e arquitectura na Época Moderna**
- Margarida Tavares da Conceição 60 **Fortificação da fronteira nordeste: a cartografia militar e a praça de Bragança (1640-1840)**
- Luís U. Afonso 74 **Donzelas no castelo: culturas religiosa e secular nos muros de São Francisco de Bragança**
- Paulo Almeida Fernandes 84 **Castro de Avelãs: o estranho caso de uma igreja de tijolo**
- Marta M. Peters Arriscado de Oliveira e José Ferrão Afonso 96 **Igrejas colunárias com tectos de madeira**
- Maria João Neto 108 **A acção da DGEMN em terras de Bragança**
- José Manuel Fernandes 118 **Bragança, a cidade dos meados do século XX: planos, edificações, ideias modernizantes**
- Carlos Machado 126 **Alfredo Viana de Lima em Bragança**
- João Alves da Cunha 134 **O “caso” do concurso da Sé de Bragança**
- Susana Lobo 142 **Pousada de São Bartolomeu, em Bragança: a primeira pousada (pós-)moderna**
- Alexandre Alves Costa e Nelson Mota 148 **Nem neogarrettianos nem Vencidos da Vida: uma pastoral transmontana**
- Jorge Figueira 158 **A intervenção no Museu do Abade de Baçal: no tempo da democracia**
- Ana Vaz Milheiro e Ricardo Lima 164 **São Francisco na actualidade: entre o ruído e o silêncio**
- Emília Ferreira 170 **O rosto do enigma ou o gosto pelo enigma: o imaginário transmontano na obra de João Vieira**

## INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

174 **Núcleo urbano da cidade de Bragança**

## VÁRIA

- Rodrigo Rebelo de Andrade e Duarte Pape 186 **As roças de São Tomé e Príncipe: o fim de um paradigma**
- Tiago Baptista 192 **Os cofres do Palácio Foz: a primeira estrutura de conservação cinematográfica da Cinemateca Portuguesa**

198 **Publicações**

# Igrejas colunárias com tectos de madeira

MARTA M. PETERS ARRISCADO DE OLIVEIRA  
JOSÉ FERRÃO AFONSO

O interior norte e centro do país, com incidência em terras de Bragança e de Miranda, guarda um núcleo de igrejas, com forma arquitectural algo arcaica, que leva uma existência anónima e intemporal. Desconhece-se a sua origem, o contexto cultural em que surgiram e as afinidades que permitem caracterizá-las como um modo próprio na arte edificatória. O princípio construtivo simples é explicado a partir de uma ideia de cobertura que pousa leve, sem a mediação de arcos em pedra, sobre colunas e estruturas murárias e, também de material, a madeira trabalhada como volume interior aéreo com artifício de ornamento. A espacialidade ampla e diáfana favorece o uso como lugar de assembleia. Sobressaem, entre elas, as igrejas maiores, ermidas de peregrinação que pontuam a paisagem e lançam as coordenadas da terra. Mas, dobrados sobre a condição local de paróquia, replicam-se os casos. A sua qualidade é ambivalente, religiosa quanto cívica. São *domus ecclesiae* e igrejas de praça, extensão comunitária do lugar urbano central e alpendres fechados.

Em terras de Bragança, a nascente, próximo da via que passa a fronteira em Quintanilha, situa-se a Ermida da Senhora da Ribeira. No vale, escavado por um afluente do rio Maços que separa Portugal e Espanha, o sítio inscreve-se, pela sua morfologia, na tradição eremítica. Acima da linha de costa mais acentuada aconchega-se a ermida, orientada a nascente, sobre o recôncavo de uma veiga, com arvoredo e uma fonte. Uma paisagem bucólica e um sítio ameno para um santuário de grande devoção que teve origem, segundo a tradição, no aparecimento da Virgem a uma pastorinha muda em meados do século XIII; por milagre, a Senhora concedeu-lhe a fala, para que solicitasse aos aldeãos do povoado vizinho a construção de uma casa para si<sup>1</sup>. Formas de religiosidade popular, do mundo do campo e do pastoreio solitário nos ermos da serra, convocadas pela sineira do campanário que a linha mais aberta das faldas do monte deixa avistar de longe: a ermida, luz na

paisagem com a mancha clara dos seus paramentos rebocados e caiados (figs. 1 e 8c).

A porta principal sobressai na clareza do plano branco da fachada, sem mais aberturas. A entrada recorta-se no perfil apontado das arquivoltas assinalando a sua construção medieval (fig. 7). Observando, porém, a modinatura, os colunelos dos pés-direitos, que partem de bases com a forma de um bolbo esguio, entregam-se, sem capitéis e apenas intersectados por impostas recortadas, aos toros da arcada. Denotam o gosto, por um desenho linear contínuo, característico da segunda metade do século XV.

A passagem do umbral marca o início do percurso descendente no interior. Mais baixo, o piso das três naves inclina-se na direcção do santuário. Além do arco triunfal apontado, tão amplo quanto a nave maior, descem uns degraus para a ousia. Desse modo, percorrendo as naves, a vista vai desvelando o retábulo da parede fundeira em toda a sua altura e largueza; a capela-mor abre-se ao espaço da assembleia, permitindo uma excelente leitura litúrgica aos fiéis.

O perfil da encosta e a pendente do terreno fazem-se sentir, sobretudo, em sentido transversal, já que a ermida se encontra parcialmente enterrada do lado sul. No exterior, subsistem vestígios do que poderia ter sido uma passagem, hoje entaipada, e três pequenas frestas e, em meados do século XX, ainda o terreno

## Iglesias columnarias con techos de madera

El interior norte y centro del país conserva un tipo de iglesias, de forma arcaica, medievales y de la Edad Moderna. Destacan las ermitas de peregrinación pero, dobladas sobre la condición local de parroquia, se replican los casos. El principio constructivo simple se explica a partir de la idea de cobertura, que se apoya sobre columnas y estructuras murarias, y el empleo de la madera, el material en que es trabajada. *Hallenkirchen* con techos, lugar comunitario religioso y cívico.



1 | Bragança, Ermida de Nossa Senhora da Ribeira, fotografia de Alberto da Silva Bessa, 1956.

natural irrompia no interior da ermida; a nave da Epístola assentava em rocha viva, mais alta, antes de ter sido nivelada pelas outras duas naves<sup>2</sup>. Os plintos das colunas foram então calçados sobre maciços, mas ainda se mantém uma pendente que se acentua na entrada travessa. Esta é uma porta de arco de meia volta, largas aduelas com um ligeiro rebordo cavado na moldura saliente sobre impostas<sup>3</sup>. A entrada direita dos peregrinos situa-se sob o alpendre corrido ao longo da fachada norte, com o parapeito voltado à paisagem, a subida marcada pelo passo grave de três degraus muito altos. A varanda fecha a nascente contra a sacristia e, a poente, entestava num muro complanar à frontaria<sup>4</sup> (fig. 1). O alpendre forma parte

indissociável da igreja; acolhe viajantes e peregrinos, e abriga de ventos, chuva e sol. A exposição a norte conserva o espaço temperado, constante na variação extrema das estações do ano.

Retemos a forma aberta do alpendre que desenha a hospitalidade do lugar, como é costume em inúmeras povoações da região bragançana e mirandesa e de terras samoranas agrestes de Sayago, Aliste e Sanabria, estações do caminho de Santiago. Retemos também a feição da edificação. Larga, longa e baixa; sóbria forma compacta, a linha de cumieira do telhado da capela-mor no fio das duas abas que cobrem as naves. Resguardada na terra, uma obra de feição laica que replica semelhante modo de construção popular raiana.



2 | Ermida de Nossa Senhora da Ribeira, pormenor do tecto, fotografia de autor desconhecido, 1979.

3 | Ermida de Nossa Senhora da Ribeira, pormenor das colunas interiores, fotografia de Amadeu Astorga Viana, 1979.

O interior surpreende pela vastidão de medidas. Conquista amplitude e transparência com o volume aéreo das coberturas e a leveza de colunas finas encimadas por capitéis anelares oitavados e pilares<sup>5</sup> que suportam a armação de madeira à vista, os tirantes da nave central decorados com pinturas e entalhes. A meio, como reforço da travessão, existe uma duplicação das linhas. Será possivelmente o remanescente de uma antiga armação de *par y nudillo*. A tradição construtiva da madeira surge denotada no pormenor dos cachorros, que ampliam a base de apoio dos capitéis às vigas longitudinais (fig. 2). Na ousia, o tecto é em forma de masseira. A leveza da estrutura dispensa panos murários espessos; por sua vez, a acomodação do espaço interior ao terreno diminui parcialmente a exigência de fundações. Simplicidade arquitectónica, economia de recursos construtivos e utilização de materiais locais: sendo delicados e frágeis, os ornamentos podiam ser facilmente acrescentados e substituídos (fig. 3). Seixos rolados do rio formam uma composição de quadros nos pavimentos<sup>6</sup>; dos finais de Quinhentos datarão as pinturas murais na parede fundeira da ousia e o púlpito da nave, em granito de talhe ornado<sup>7</sup>. Já de Seiscentos é o retábulo, valorizado por abertura efectuada na parede sul da capela-mor, idêntica a outra existente na parede do mesmo lado da nave. O presbitério é cingido, na base das paredes sul e norte, aqui apenas até à porta da sacristia, por uma austera plataforma. Esta prolonga-se pelo espaço unitário das naves, na costã sul a todo o comprimento, na costã norte apenas até à porta travessa, formando o lugar de assento, expressão de encontro da peregrinação. (...) *A igreja da Senhora, he huma das maiores daquel-*

*le bispado [Miranda], e se pode dizer, que a ermida de campo, he a maior que tem Portugal (...)*<sup>8</sup>: uma igreja salão com cobertura lígnea.

Conserva-se a memória de que D. Isabel de Aragão teria visitado a Senhora da Ribeira, quando, no ano de 1282, entrou em Portugal. Deixou esmola para as obras da ermida e também para a casa que os Franciscanos começavam a levantar em Bragança. As duas edificações mediam-se na importância que detinham na região e não seria de estranhar, lembrando as formas de espiritualidade dos frades menores e a sua irradiação a partir da urbe, que outros laços as unissem. Vivendo a pobreza evangélica num apostolado popular, talvez um irmão se pusesse a caminho, a pregar, quando se retomava o ciclo de religiosidade itinerante do ano, na Primavera, e as comunidades convergiam na ermida da Ribeira, lírios do campo em devoção à Senhora.

O elo que liga a rainha santa de Aragão a caminho de Portugal, o santuário mariano e a obra dos religiosos mendicantes na região constrói-se sobre antecedentes relevantes de ordenamento do território e enquadramento social das gentes. Ressalta a condição ambivalente do espaço nordestino, por estar numa posição à margem, nos confins do reino, tanto mais vincada quanto a defesa da raia se reforçava, mas por ser também espaço de inter-relação entre comunidades vizinhas, com vínculos e relações além-fronteiras que mergulham no tempo. A ermida da Ribeira surge próximo da povoação de Quintanilha, de nome medieval *Quintela* de rio Maças, um topónimo com origem romana. A integração na rede vial de proximidade à antiga estrada romana que ligava o nordeste

4 | Bragança, Ermida de Nossa Senhora da Serra, vista geral do interior, 2011.



te transmontano a terras de Leão, pela via da Prata, que desde a Idade Média se tornara caminho jacobeu, suporta a convergência de interesses que, na região, muito contribuiu para o sucesso do santuário.

Na região sobressai a acção dos mosteiros de São Salvador de Castro de Avelãs (beneditino) e de Santa Maria de Morerueta (cisterciense)<sup>9</sup>, que detêm um extenso património fundiário, incluindo na zona do santuário da Senhora da Ribeira, com destaque para o mosteiro samorano. Assim, a par da chegada dos Franciscanos a Bragança e da vontade de pastoral renovada, havia já antes, na Ribeira, a presença de Cister e de São Bernardo, o que teria contribuído para vivificar o culto de Nossa Senhora entre as comunidades do mundo rural. À luz destas relações, na (...) *aurora da expansão mariana* (...) <sup>10</sup> na região, a viagem de D. Isabel como que ilumina rotas de uma interdependência política, cultural e religiosa entretecidas na marca hispânica da reconquista. A sua passagem pela Senhora da Ribeira traz um primeiro sinal de visibilidade ao santuário recatado no monte. A Rainha Santa e o rei povoador concertarão o apoio à obra da ermida, numa acção conforme a visão global de integração do território que se evidencia no Tratado de Alcañices, firmado em 1297 ali perto, do outro lado da fronteira. A devoção a Maria, numa piedade filial afectiva pela Mãe do Céu, medianeira, refúgio, modelo maternal, toma forma num lugar de vizinhança das comunidades. Arquitectura com raiz e pouso na terra junto à ribeira da Caravela: chão com seixos rolados, o piso inclinado para a ousia e a erupção da rocha natural na nave, gruta e cabana invadidas pela natureza e paisagem.

Um outro santuário, a ocidente de Bragança, ganha ascendente, mas já na passagem à Idade Moderna: a Ermida da Senhora da Serra, com (...) *imagem muy devota, & de muitos milagres* (...) e romaria a Senhora das Neves. Ocupa um sítio desabrido e inóspito, no cume da Serra da Nogueira, que define coordenadas do espaço na paisagem transmontana. A espriar de vista, Trás-os-Montes, terras de Zamora, as alturas da Sanábria e, na planície, contornando o maciço, a rede vial que, desde tempos antigos, organiza as principais direcções de Entre Douro e Minho e Galiza, das Beiras e do Alto Douro. A ermida constitui, pois, uma presença visível e uma vocação protectora, coroando simbolicamente o nordeste transmontano<sup>11</sup>.

A *Geographia d'Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*, do Doutor João de Barros (c.1549), fornece uma referência para uma delimitação cronológica da obra: (...) *a duas legoas [de Bragança] está a Hermida de Nossa Senhora da Serra, que ha pouco se fundou de esmollas e offertas, e se fez hua caza tamanha como hu Mosteiro, grande, de tres naues, aonde concorre grande numero de gente* (...) <sup>12</sup>.

A forma da edificação lembra a Senhora da Ribeira. Uma igreja salão de dimensões generosas e vista interior desimpedida por colunas esguias e pilares de diferente secção que sustentam a armação da cobertura em madeira (figs. 4, 5 e 8d). Na nave central, os tirantes



duplos acentuam uma impressão de horizontalidade distribuída lateralmente, num espaço interior banhado de luz natural pelas janelas altas. O arco triunfal apontado de arestas chanfradas, com a nascença algo baixa, dá passagem para a capela-mor muito ampla. O seu desenho linear, sem impostas, idêntico ao da porta da sacristia, e a forma dos suportes verticais e capitéis sugerem um trabalho de artesanía local, com motivos fantasiosos de sabor arcaico. Retemos a nota de que o tecto da capela-mor teria sido em tempos uma (...) *admiravel obra de madeira, em que se descobre não só a grandeza, mas a sua muita antiguidade* (...), o que faria supor uma obra de alfarge<sup>13</sup>. Já o púlpito, com uma composição de folhagens e figuras animais, assente numa coluna torsa, denota uma abordagem ingénua a formas de sinal clássico. Por sua vez, a simplicidade chã do óculo, das portas e das janelas, denuncia a lenta progressão da obra e uma valorização do santuário numa época mais avançada<sup>14</sup>.

A capela da Senhora da Serra encontra-se inserida num modelo de povoamento regional que concorre para esclarecer, na profundidade de sucessivos estra-

5 | Ermida de Nossa Senhora da Serra, pormenores dos capitéis, 2011.

tos temporais, o quadro em que se terá dado a sua fundação religiosa. Conserva-se a tradição de que a implantação do santuário aproveita o sítio de um povoado castrense. Com a romanização, e na continuidade da sedimentação do *habitat* na planície, desenvolvem-se os lugares de Castro de Avelãs, onde irá sediar-se o mosteiro beneditino de São Salvador (1143) e as povoações de Rebordãos e Rebordainhos, protegidas pela posição alcandorada do castelo de Tourões, nas faldas da serra, com domínio visual sobre a paisagem.

O território polarizava-se em função daquele centro monástico. Apesar do quadro de povoamento já estar em mudança no século XV, ele mantém ainda a sua importância como ponto avançado da arquidiocese de Braga. Ao mesmo tempo, o papel de Bragança acentua-se com a formação do senhorio da casa de Bragança. Reforça-se a sua condição de centralidade territorial; ganham ascendente novas instituições religiosas em sede urbana e multiplicam-se os locais de devoção popular itinerante. A abertura e integração da região, no quadro de um estreitamento de vínculos aos governos que a regem — a Igreja e a arquidiocese de Braga, a casa real e as diferentes linhagens de nobreza na região — irá instituir uma via de dois sentidos, favorecendo o rebatimento de influxos culturais e estéticos, e uma difusão capilar de formas de arquitectura de gosto flamejante, linear, formas desornamentadas e manuelinas, ou já renascença, assimiladas, replicadas e conservadas no limite de uma apropriação popular de expressão arcaizante.

Um estreito vínculo de proximidade une a casa da Senhora da Serra ao mosteiro beneditino de São Salvador e este, por sua vez, a D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga (1417-1467), ajudando a delinear um contexto possível para o surgimento do santuário. Durante o longo ministério à frente da diocese, aquele prelado empenhou-se fortemente nas visitas pas-

torais a Trás-os-Montes, tendo tornado o mosteiro de Castro de Avelãs um centro de irradiação dessa prática<sup>15</sup>. Conhecendo a sua estreita relação com a corte e a sua presença frequente na comitiva régia e lembrando a intensificação coetânea das obras de Santa Maria da Vitória, especialmente aquelas que intentaram uma transformação do projecto original da igreja, com Huguet, no reinado de D. Duarte, compreender-se-á a convergência de acção do arcebispo primaz. Nos confins da diocese toma sob sua protecção Santa Maria de Azinhoso (Mogadouro)<sup>16</sup>, um importante centro medieval de peregrinação visitado por D. Nuno Álvares Pereira. A ermida da Senhora da Serra poderia surgir, neste contexto de devoção a Santa Maria<sup>17</sup> partilhado pela casa real e pela sociedade portuguesa, como a confirmação de um lugar votivo. O sítio eminente do santuário, relativamente ao território brigantino, fixa a sua inscrição na rede de santuários construídos em altitude dedicados à Senhora, tecendo como um manto branco a protecção do espaço habitado em Trás-os-Montes.

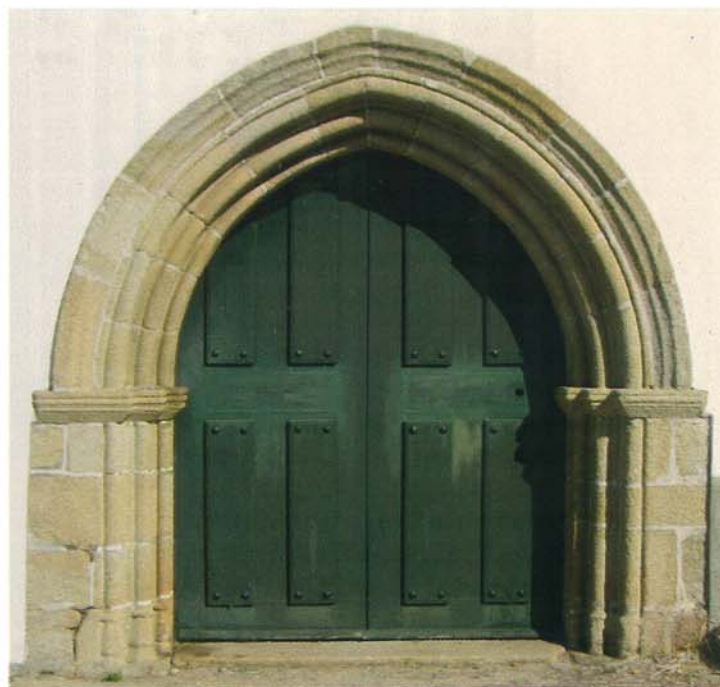
Na sua origem, a Senhora da Ribeira e a Senhora da Serra participaram de uma cultura pastoril, extremamente organizada e articulada, fruto de uma coexistência com os elementos naturais (na primeira acentuada pela ligação à água, à fonte, identificada, desde a Antiguidade, como criadora divina de um princípio de vida); em ambos os santuários, ela seria resgatada pela epifania da Virgem. Na Senhora da Serra, contudo, essa cultura seria já apropriada por uma narrativa moderna; na sua posição de domínio, o santuário substituiu os mistérios semi-ocultos do símbolo à exposição da representação. O ambiente de *natura naturans*, o trabalho escondido da Natureza, foi, na Senhora da Serra, substituído pelo artifício da *natura naturata*.

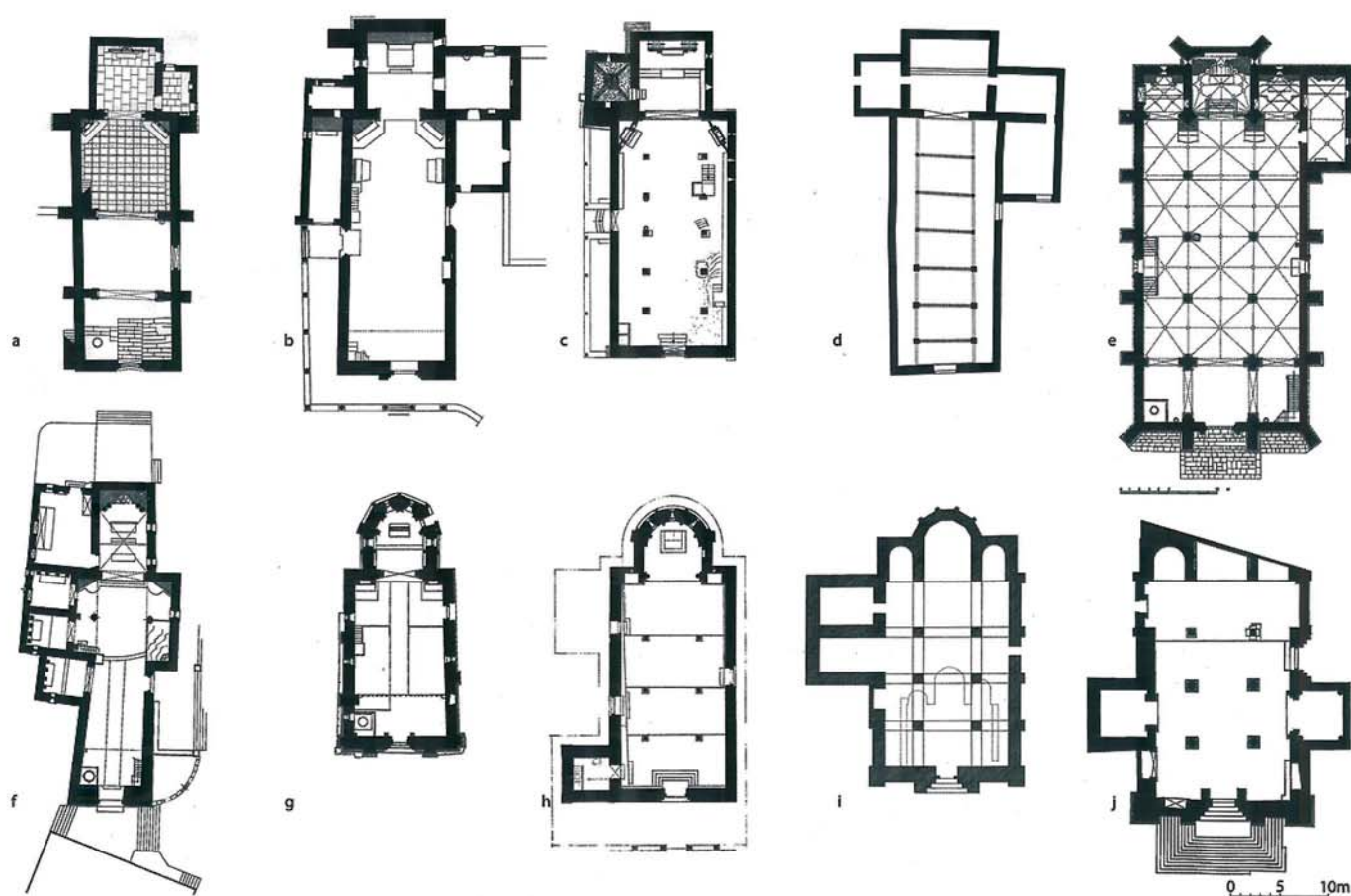
Desse modo, se é importante a circunstância do sítio da Serra, mais significativa é ainda a lenda da

6 | Mogadouro, Igreja de Santa Maria de Azinhoso, porta travessa sul, fotografia de autor desconhecido, s.d.



7 | Bragança, Ermida de Nossa Senhora da Ribeira, porta principal, fotografia de autor desconhecido, s.d.





- 8 | Igrejas colunárias, plantas à mesma escala:
- a. Igreja de Santo André de Algosinho, antes do restauro, s.d.;
  - b. Igreja de Santa Maria de Azinhoso, 1994;
  - c. Ermida de Nossa Senhora da Ribeira, 1979;
  - d. Ermida de Nossa Senhora da Serra, planta esquemática, 2005;
  - e. Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, s.d.;
  - f. Igreja de Santa Maria de Fonte Arcada, s.d.;
  - g. Igreja de Santa Maria de Paiva, 1952;
  - h. Igreja Matriz de Armamar, antes do restauro, s.d.;
  - i. Igreja de São Cristóvão de Coimbra, desenho simplificado segundo Augusto Filipe Simões, 1870;
  - j. Igreja de Sant'Iago de Coimbra, antes do restauro, desenho simplificado, s.d.

origem do culto, que busca raízes num tempo mais antigo do que o da Ribeira. A Virgem também aparece a uma pastorinha, a quem encomenda o concurso dos aldeãos para reparação da sua ermida, cuja antiguidade remontaria aos Godos, abandonada devido às guerras com os Mouros. A antiguidade peninsular dos Godos situa o enredo no tempo da cristianização e da unificação das Espanhas. A alusão aos Mouros, porém, comporta uma carga nacionalista que será, conforme indica Ferreira de Almeida, própria do início da Idade Moderna<sup>18</sup>. A memória do antigo reino da cristandade alimenta uma noção de restauração e a vontade de criação de uma paisagem nacional unificada, tal como será ordenada e construída a partir de D. Manuel I e mostrada, entre outros meios, através da simbologia régia. Finalmente, concertar-se-á com a formação da imagem cartográfica exacta do território, segundo a ciência da época, já no tempo de D. João III<sup>19</sup>. Em 1545, ao tempo da sede vacante bracarense, efectua-se o desmembramento da diocese primaz de Portugal e a instituição do bispado de Miranda, mas não chega a concretizar-se o projecto de uma segunda diocese, com sede em Freixo de Espada à Cinta (fig. 8e)<sup>20</sup>. Anos depois, o Doutor João de Barros destaca a ermida da Senhora da Serra na geografia de Trás-os-Montes.

A Igreja de Santa Maria de Azinhoso é uma obra importante para enquadrar, no tempo, aspectos arquitectónicos das ermidas da Ribeira e da Serra. O desenho eloquente dos portais, as estruturas parietais

coroadas por uma cornija com modilhões figurados, o abobadamento da capela-mor e o pavimento em lajes de pedra são atributos que qualificam e conferem primazia a Santa Maria de Azinhoso entre as demais igrejas da região<sup>21</sup>. Nos portais — a porta travesa sul de Azinhoso e a porta principal da Ribeira — desde logo se revelam afinidades de traçado e diferenças que a passagem do tempo fez notar na modinatura e no gosto de ornamento, uma cronografia do trânsito das ideias que ordena a sucessão das obras (figs. 6 e 7). A Igreja de Santa Maria é de nave única, mas a sua escala, a dimensão vasta do interior e a proporção da nave (fig. 8b) estabelecem uma relação comparativa com as duas ermidas. Do mesmo modo que na Ribeira, o espaço interior conquista amplitude aproveitando o desnível entre a entrada principal e o arco triunfal, adequando-se ao perfil descendente do terreno. Nos dois casos, sobressai a forma ampla, quadrangular, da ousia. A Igreja de Santa Maria recebeu obras importantes nos meados do século XV<sup>22</sup>. Tal como a Ribeira, integra um largo alpendre que se abre nas fachadas principal e norte, como interface entre o espaço público e o interior. A fachada da igreja ostenta uma pequena janela cruzetada, de feição quatrocentista, que surge como mais uma nota laica no contexto de arquitectura religiosa. No paço que existia junto da igreja, do lado sul, residiu o vigário-geral da arquidiocese de Braga que foi designado para o cargo por D. Fernando da Guerra, em 1451: D. Frei Luís Eanes de Madureira,





9 | Mogadouro, Igreja de Santa Maria de Azinhoso, túmulo de Luís Eanes de Madureira, fotografia de autor desconhecido, s.d.

abade de Castro de Avelãs. O túmulo do seu filho, também chamado Luís Eanes, ou Anes, de Madureira, integrou um arcossólio da Igreja de Santa Maria, que se abre do lado da Epístola, à mão direita da porta travessa que dava passagem para o recinto do paço. É decorado com pintura mural, o que nos ajuda a datá-lo<sup>23</sup>. O desenho do arco e dos seus pés-direitos é similar ao traçado do portal principal da ermida da Senhora da Ribeira. Do ponto de vista arquitectónico é, porém, menos preciso, o que determina a precedência do portal (fig. 9). Por sua vez, as jambas da referida porta travessa parecem dar o mote para o desenho do par de pilares em feixe existente na ermida da Senhora da Serra. As semelhanças detectadas sugerem a possibilidade de intervenções coetâneas nos três centros de peregrinação, no século XV. A notícia das visitas e obras assistidas por D. Fernando da Guerra e as datas conhecidas relativas a D. Frei Luís Eanes, documentado entre os anos 1451 e 1478, oferecem um enquadramento cronológico compatível com as formas arquitectónicas<sup>24</sup>.

Na porta sul de Azinhoso sobressai a faixa da arca da externa, ornamentada com um motivo de quadri-fólio em forma de “ponta de diamante”, que encontramos largamente difundido em obras românicas das províncias de Zamora e Palencia. A igreja portuguesa é exemplar pelo vigor com que é delineado este ornamento e pelo seu talhe volumoso, que se acentua sob efeito de luz e de sombra. A obra fixa coordenadas

de circulação de temas artísticos num espaço regional transfronteiriço entre Portugal e Castela Leão e faz a passagem para um rebatimento local de referências arquitectónicas. Um dos elementos marcantes é a forma larga, quadrangular, da capela-mor, com parede de fundo plana. Dir-se-ia uma solução corrente, já identificada no românico português. Todavia, a configuração das ousias nordestinas singulariza-se pela amplitude de medidas e uma persistente reposição da fórmula, que mereceriam ser lidas à luz de semelhantes opções conhecidas em Leão e Castela. Num espaço cultural transfronteiriço, a permanência do modelo de ousia com parede testeira plana surge como um elemento característico de gosto artístico conservador, segundo a tradição hispânica<sup>25</sup>. Será nesse contexto que a linha austera da ousia recta, próxima da forma simples original, adquire afinal sentido de actualidade, coincidindo com os influxos de reforma cisterciense.

Se a qualidade de realização arquitectónica e de pormenorização distingue a Igreja de Santa Maria de Azinhoso das ermidas da Senhora da Ribeira e da Senhora da Serra, ainda que em dimensão e processo de alcançar amplitude de espaço interior não sejam substancialmente diferentes (o parcial enterramento da construção com entrada sobrelevada, a conquista do volume da cobertura para amplificar em volume aéreo interior), nas duas ermidas sobressai uma vontade de espaço de assembleia, que é explorada no limite da simplicidade e escassez de recursos. Suportes esguios tiram partido da estrutura leve da cobertura em madeira e a largueza e estabilidade do espaço, sem acentuada direccionalidade, surge como uma sala, um lugar de estar — uma *Hallenkirche*.

A designação decorre de uma fórmula mais genérica de espaço amplo, resolvido com uma distribuição de suportes verticais isentos, à mesma altura, que sustentam directamente a cobertura do largo vão. A solução construtiva de tal espaço, com recurso a uma armação da cobertura em madeira (e não o abobadamento), constitui a referência para as obras em análise. Dois aspectos são determinantes: a largura do corpo da igreja implica apoios intermédios para vencer o vão, evitando soluções técnicas mais complexas que um vão totalmente livre exigiria. As igrejas com cobertura de madeira, assente sobre suportes verticais, detêm uma largura maior do que a generalidade das igrejas de nave única, mas não alcançam a largura da maioria das igrejas de três naves que apresentam paredes ou arcadas formeiras. Representam, portanto, um “escalão” intermédio, que satisfaz uma maior articulação do espaço interior, embora com uma solução edificatória de envergadura relativamente contida<sup>26</sup>. Os suportes verticais, por não necessitarem de ser robustos, organizam com vantagem o espaço, sem comprometer a leitura unificada das naves, e na cabeceira abre-se apenas uma capela, que sobressai pela sua amplitude.

A edificação caracteriza-se pela clareza e pela simplicidade construtiva, de fácil apreensão e manutenção económica. Os modelos desenvolveram-se a par-

tir de um princípio construtivo: a articulação entre um suporte vertical em pedra (ou madeira) e uma estrutura de madeira que sustém um piso ou resolve conjuntamente a forma do tecto e a cobertura de telhado. Um saber oriundo da construção corrente, que serve as funções quotidianas de instituições religiosas e militares e da sociedade civil — celeiros e equipamentos públicos como mercados, e, também, espaços domésticos qualificados, como terá sido o caso dos paços reais medievais de Coimbra e Lisboa. Sobretudo na continuidade do espaço além-fronteira de Castela, encontram-se numerosos exemplos do uso de colunas que suportam estruturas de madeira em galerias porticadas de arruamentos urbanos e na arquitectura civil e doméstica.

A aplicação deste princípio construtivo irá estar na origem da transformação de igrejas paroquiais, a partir do final da Idade Média, resultando soluções flexíveis de ampliação do espaço de assembleia, com uma configuração variável de duas ou três naves. O momento da reedificação dos templos e o saber dos mestres ditam a actualização de forma dos suportes, colunas ou pilares, de sinal manuelino ou já de gosto clássico. São Pedro da Silva, em Miranda, oferece um exemplo da metodologia de intervenção. A igreja paroquial mantém a parede medieval com cornija e um portal gótico no troço original da fachada sul. Numa primeira intervenção, a nave é ampliada à largura, do lado do Evangelho, resultando duas naves e um espaço interior assimétrico, com o púlpito na nave colateral. Os pilares oitavados denotam uma factura quinhentista. A sua altura concorda com o nível das paredes laterais, mas, actualmente, encontram-se acrescidos de uma peça em altura encimada por cachorros que sustém o forro da cobertura em madeira. A elevação resultante concorda em escala com a amplitude da ousia reconstruída no final do século XVIII<sup>27</sup>, mas a solução construtiva aplicada poderá resultar de uma substituição da anterior armação do telhado à vista. Na mesma altura e na mesma freguesia, a Capela de Santa Marinha, da póvoa de Granja de São Pedro, sofre semelhante intervenção na ousia<sup>28</sup>, o que lhe confere amplitude e franca iluminação, de efeito surpreendente em contraste com o reduzido corpo, de três naves e três tramos, que se mantém inalterado. O pavimento seria, até há algum tempo, em seixos rolados de rio, tal como na ermida da Ribeira. Finos pilares oitavados, similares aos de São Pedro, e o portal principal, com largas aduelas planas formando arco de meia volta e arestas chanfradas nos pés-direitos, indiciam uma reforma quinhentista do corpo das naves<sup>29</sup>.

As duas povoações são um exemplo das circunstâncias de povoamento na raia transmontana. Humildes póvoas, nas proximidades das minas de Santo Adrião, fundadas em território inóspito e fronteiro para arroteamento de terras, cultivo e mineração. A toponímia guarda a memória das condições de vida e do modo como a paisagem, silva e erma, se tornou construção cultural<sup>30</sup>. Em terras de solidão, o largo, o adro e a

igreja tornavam-se o lugar de encontro e de morada vital da comunidade, considerando as carências da habitação doméstica. Compreendendo-se, assim que adquirissem uma forma iluminada e acolhedora, significando chegada e pousada da assembleia. Nesses termos se ampliam os espaços religiosos paroquiais da época moderna, já com condições demográficas mais folgadas, maiores recursos e como sinal visível de incrementada urbanidade.

As igrejas paroquiais de São Martinho de Peso (Mogadouro) e de São Julião de Palácios (Bragança) corroboram o sentido de tais processos de transformação<sup>31</sup>. No primeiro caso, ressalta a organização da vila nas encostas, confluindo os arruamentos em direcção a um grande largo central, mais baixo. A igreja com o seu adro dispõe-se num plano mais elevado, com a fachada norte voltada à praça. A edificação religiosa foi sujeita a visitação da Ordem de Cristo em 1507, não tendo sido feita menção de que teria duas naves. Os visitantes viram a ousia da igreja e acharam que era assaz (...) *alta e espaçosa que abaste* (...) (uma característica destas igrejas) e, tal como em outras igrejas da ordem, mandaram aos fregueses que fizessem (...) *poiais bons* (...) *em que se assentem os homens* (...)<sup>32</sup>. Dos registos de visitas constam outros casos em que foi indicada a colocação de poiais, uma disposição que lembra a Senhora da Ribeira e, bem assim, o espaço de assembleia da *domus municipalis* de Bragança. Na segunda metade do século XVI, foi acrescentada mais uma nave, do lado do Evangelho. Uma fiada de colunas fortes, sem êntase e com capitéis imperfeitamente formados, substitui a anterior estrutura murária que limitava a nave única. Não se perdeu a noção de axialidade que é lida a partir da entrada principal, um portal gótico com alfiz, de formas desguarnecidos. Aperfeiçoou-se a relação entre interior e exterior, pois a nave lateral funciona como um espaço de mediação incorporado no interior, que ganha outra amplitude, complexidade de vistas e possibilidades de uso. Já a Igreja de São Julião de Palácios, cujo orago é São Bartolomeu, esclarece sobre a persistência de aplicação da solução consagrada, no quadro de uma renovação integral do espaço de três naves que se conclui em meados do século XVIII<sup>33</sup>.

A resolução do modelo colunário nas igrejas do nordeste transmontano denota um tempo medieval avançado, ou assinala já uma adesão a formas de antigo "ao romano". Ora, neste contexto, pareceria oportuno deixar uma nota acerca da igreja de Algosinho, por alguns sinais que guarda no seu interior. Trata-se de uma igreja de nave única, articulada em três tramos por largos arcos diafragma, que apoiam a cobertura em madeira (fig. 8a e 10). Tal como Azinhoso, impressiona pela vastidão das dimensões e amplitude do espaço interior, mais ainda atendendo à existência apagada que leva junto ao pequeno núcleo de casas da aldeia. O sítio de implantação perdeu muito do carácter arcaico que caracterizava a envolvente e a forma como a igreja se inscrevia no terreno, mas ainda se conserva a visão surpreendente do modo como o



terreno em rocha viva se precipita, passando o umbral da entrada principal com escadaria talhada na pedra e se sustém (agora) no primeiro tramo. A um canto, guardam-se alguns fragmentos romanos e alto-medievais que atestam a antiguidade do local de culto, incluindo uma pedra em mármore esculpida com pequenos arcos ultrapassados<sup>34</sup>. São, contudo, os pés-direitos dos dois arcos da nave (a crer na modinatura das impostas e em alguns aspectos de pormenor, já fábrica moderna) que reclamam a atenção. Assentam sobre peças reutilizadas, de significativa envergadura, que poderiam corresponder a bases e talvez a partes de capitéis de colunas robustas<sup>35</sup>. Seriam elementos arquitectónicos de um edifício ornado com colunas, um monumento seguramente anterior ao período de construção medieval da igreja de Algosinho, que guardaria a memória do povoamento antigo notado no “Parochiale” suévico<sup>36</sup>.

O elenco de obras do nordeste transmontano precisaria de ser considerado à luz de semelhantes ocorrências que surgem na Beira, obviando a sugestão de que poderia tratar-se apenas de um processo local de continuidade. Confirmam-se as referências para a formação do modelo. A Matriz de Armamar (São Miguel, fig. 8h) assinala uma precedência cronológica, relacionando-se com Cister. A edificação, que se reveste de algumas formas góticas temporãs, partilha o labor dos mestres de Santa Maria de Salzedas<sup>37</sup>. Nas imediações, a mesma solução terá sido replicada no contexto de um santuário de peregrinação, a ermida de São Domingos da Queimada<sup>38</sup>, invocação do santo “Sarraceno” venerado, desde o tempo da reconquista, num dos altos mais eminentes do vale do Douro. O uso do modelo em igrejas paroquiais com largos rendimentos<sup>39</sup> denota que a opção não seria determinada por escassez de meios. Reflecte, antes, uma escolha racional e de gosto, manifesta na ampliação da igreja românica de Santo André de Ferreira de Aves (Sátão), efectuada a partir do último quarto do século XVI (fig. 11)<sup>40</sup>, cronologia que detém paralelo com as congéneres transmontanas. A clareza de estrutura de três naves com colunas de referente clássico e a conformação e ornamento da cobertura línea com entalhes e tirantes duplos (um “olivellado mourisco”<sup>41</sup>) corroboram um senso de construção, no uso de recursos, em regiões de boa produção de madeira de castanho e de carvalho (como era o centro e norte interior de Portugal) e a continuidade de uma tradição de artesanía dos mestres<sup>42</sup>.

As igrejas de Armamar e de Ferreira de Aves designaram coordenadas para a restituição de Sant'Iago de Coimbra (fig. 8j). Não sendo possível considerar, neste contexto, a propriedade da solução visada para a cobertura, deter-nos-emos numa característica que ressalta nesta igreja mas é comum a outros exemplos analisados. A leveza da ossatura colunária confere ao seu interior a qualidade de recinto público com a dedicação religiosa, que a cabeceira acolhia nas capelas oratório, e com a vocação social de lugar e serviço das comunidades, que a posição urbana solicita. *Basilica*<sup>43</sup>

10 | Mogadouro, Igreja de Santo André de Algosinho, vista geral do interior, fotografia de autor desconhecido, 1954.

11 | Sátão, Igreja de Santo André de Ferreira de Aves, vista geral do interior, fotografia de autor desconhecido, s. d.

12 | Bragança, Igreja de Santa Maria Madalena de Réfega, janela da ousia, 2011.



de Sant'Iago — a designação incomum à data da consagração da igreja, em 1208 — poderia significar uma fórmula com apego às origens e fontes da arquitectura religiosa antiga cristã, em particular na referência de coberturas de madeira. É, porém, mais provável que convocasse o reconhecimento das funções exercidas pela igreja em ligação com o fórum da cidade.

Com esta ideia presente regressamos a terras de Bragança, de volta a Quintanilha. A povoação de Réfega<sup>44</sup> abriga-se numa concha entre colinas. A igreja paroquial, de exíguas dimensões, situa-se, transversalmente, numa encruzilhada, com a única entrada aberta para a praça, porta simples com moldura e padieira arqueada. Sobre uma estrutura elemental mais antiga, de nave e ousia de sabor vernáculo, no século XVII criaram-se condições para uma beneficiação que são os sinais visíveis com que se apresenta: o ar alto-neiro da empena ocidental rampante, o campanário e um pequeno óculo que o declive do caminho e a condição semienterrada do templo colocam ao estender da mão. Do lado sul, a igreja abraça um pequeno cemitério, derramando sobre o recinto das campas duas aberturas, uma fresta da nave principal e a janela da ousia, recortada na padieira e no parapeito por um desenho de sinal “manuelino” padronizado por traço clássico (fig. 12). A reedificação do interior parece ter acrescentado mais uma nave, do lado do Evangelho, com a pia baptismal e o confessionário. Todavia, uma observação mais atenta mostrará que o seu comprimento não iguala o da nave central, nem nos pés da igreja, nem no plano do arco triunfal, de modo que a leitura da nave única com espaço de assembleia se encontra reposta. No exterior, as pilastras da empena



13 | Igreja de Santa Maria Madalena de Réfega, vista geral do interior, 2011.

não tiveram réplica nos cantos do volume acrescentado. Subtis diferenças de desenho que reservam uma condição ambígua para a nave lateral, talvez um antigo alpendre englobado na igreja. Uma única coluna ajuda a diferenciar as duas naves, definindo a secundária como lugar de hospitalidade que prolonga a vocação social e comunitária do lugar público da praça. As paredes inteiramente rebocadas e o chão revestido de largas peças de lousa repõem a unidade de leitura de igreja (fig. 13).

Lembrando o santuário de campo da Senhora da Ribeira, a forma arquitectónica da igreja paroquial de Santa Maria Madalena de Réfega, na mesma freguesia, parece condensar a ideia de assembleia que enforma a igreja colunária, e a sua evolução essencial, o princípio construtivo e a disposição integrada das partes que alcançam aqui uma síntese consabida. Arquitectura delineada com simplicidade, sóbria, contida, racional, moderna, do nosso tempo.

Réfega é exemplo e sinal. Obra modesta, cuidada pela comunidade, mas numa situação frágil se o senso e cultura nela sedimentados se perderem.

**Marta M. Peters Arriscado de Oliveira**  
Arquitecta  
Docente da Faculdade de Arquitectura  
da Universidade do Porto

**José Ferrão Afonso**  
Historiador da Arte  
Docente da Escola das Artes da Universidade  
Católica Portuguesa/Centro Regional do Porto  
(Imagens: 1 a 8c) e 8e) a 13: IHRU/Sistema  
de Informação para o Património Arquitectónico;  
8d: Faculdade de Arquitectura da Universidade  
do Porto.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Frei Agostinho de SANTA MARIA — *Santuário Mariano, e a História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora e das Milagrosamente Aparecidas, que se Veneram em os Bispados do Porto, Vizeu, & Miranda. Em Graça dos Prégadores, & dos devotos da mesma Virgem, & Senhora*. Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1716, t. V, pp. 610-611.
- <sup>2</sup> O nivelamento das naves foi efectuado pela Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) em 1978-1979. Cf. IHRU — Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Inventário do Património Arquitectónico, Capela de Nossa Senhora da Ribeira/Santuário de Nossa Senhora da Ribeira. <http://www.monumentos.pt/Site/APP.PagesUser/SIPA.aspx?id=2662>.
- <sup>3</sup> A porta travessa da Ribeira terá sido parcialmente modificada na parte do arco, como atestam a data de 1900, inscrita do lado direito, e as aduelas talhadas em diferentes granitos.
- <sup>4</sup> O muro foi demolido e os suportes do alpendre foram substituídos na segunda metade do século XX. Antes dessas obras, o recinto em volta da ermida era parcialmente encerrado por casas de peregrinos, que ainda são visíveis na fig. 1, aproveitando uma estrutura de eremitério dos séculos XVI e XVII, documentada por Luís Rodrigues. Luís Alexandre RODRIGUES — *De Miranda a Bragança: Arquitectura Religiosa de Função Paroquial na Época Moderna*. Bragança: edição do autor, 2001, vol. I, p. 416 (nota 537) e vol. II, p. 406.
- <sup>5</sup> A forma dos suportes verticais é diferenciada (pilares e colunas). Os dois primeiros tramos das naves são marcados por pilares (existiu um coro-alto). Poderá ter havido uma transformação do espaço interior, que teria sido mais repartido. Mas a posição da porta travessa norte e da abertura entaipada a sul, bem assim como o reforço de fundações do cunhal que é visível no canto noroeste, construtivamente semelhante ao do canto nordeste da ousia, balizam a configuração da ermida indicando a estabilidade de medida do corpo das naves.
- <sup>6</sup> Semelhante organização material de pavimentos, que é característica de Castela, surge em diversas obras da região nordeste, como no santuário da Senhora do Nazo — esta ermida (...) *quasi toda he calçada de osos, com pedras entremetidas, e com lavores que a fazem curiosa, e vistosa* (...), como se escrevia no *Santuário Mariano*. Frei Agostinho de SANTA MARIA — Ob. cit., t. V, p. 632. Apud Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., vol. I, p. 679. Também se encontra no Convento de Cristo, nas galerias do claustro da Micha.
- <sup>7</sup> As pinturas encontram-se na parede testeira da capela-mor, parcialmente obliteradas pelo altar. Entre motivos e temas representados reconhecem-se a *Anunciação* e a *Apresentação no Templo* associados ao culto da Virgem Mãe e da humanidade de Jesus. O abade de Baçal refere: (...) *pela Senhora da Ribeira, poda verdadeira* (...); explicando que a Senhora da Ribeira em causa é a da Anunciação. Francisco Manuel ALVES — *Bragança. Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2000, t. XI, p. 67.
- <sup>8</sup> Frei Agostinho de SANTA MARIA — Ob. cit., t. V, p. 613.
- <sup>9</sup> A abadia cisterciense detinha uma parte dos casais da freguesia de São Tomé de Quintela do rio de Maçãs e a aldeia de Montesinho, desconhecendo-se a que título. *As Inquirições* de 1258 revelaram uma situação litigiosa relativa ao padroado da igreja de Quintanilha. PMH. *Inquisitiones*, vol. I, p. 1332. In José MARQUES — "Os Municípios na estratégia defensiva dionisina". *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998, série II, vol. 15, n.º 1, pp. 523-544 e 530. Nas aldeias de Quintanilha e Montesinho manter-se-ia um sistema de administração judicial partilhada entre oficiais nomeados pela Coroa portuguesa e pelos Cistercienses, até que uma sentença de D. Afonso IV, de 1340, cessa os direitos reclamados pelo mosteiro. Francisco Manuel ALVES — Ob. cit., t. III, pp. 125-128, documento n.º 60.
- <sup>10</sup> António MOURINHO — "Santa Maria e a nossa terra (Para a história do culto de Nossa Senhora em Portugal)". *Revista Ocidente*, 1946, n.º 100, p. 223, separata.
- <sup>11</sup> Não apenas as ribeiras, mas também os montes eram especialmente queridos pela Virgem: Frei Agostinho alude ao Monte Araat, ao monte Carmelo, símbolo de Maria; ao monte São, símbolo da "Maria pública". Frei Agostinho de SANTA MARIA — Ob. cit., t. V, p. 615. A essa situação refere-se o poema das Sete Senhoras: *No alto de siete cabeços/Moran las siete Senhoras:/Abençonan tó-las moças,/Lhabradeiras i pastoras. / Sues capiélhas todas brancas/ Culas telhicas burmeilhas/ Parecen rosas frolidas/ A beisdál ciêlo i las streilhas./Son siete i todas stan altas,/todas altas i armanas,/A tóla hora se beien / I falan tólas manhanas* (...). Apud António MOURINHO — "Santa Maria e a nossa terra (Para a história do culto de Nossa Senhora em Portugal)". *Revista Ocidente*, 1946, n.º 100, p. 230.
- <sup>12</sup> João de BARROS — *Geographia d'Entre Douro e Minho e Três-os-Montes. Coleção de Manuscritos Inéditos agora Dados à Estampa*. Porto: Tipographia Progresso de Domingos Augusto da Silva, 1919, p. 121.
- <sup>13</sup> Opinião de Luís Rodrigues, baseada na descrição do tecto por Agostinho de Santa Maria. Frei Agostinho de SANTA MARIA — Ob. cit., t. V, p. 616. In Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., vol. I, p. 622.
- <sup>14</sup> A data inscrita no exterior (1611) e num cunhal da capela-mor os cronogramas de 1659 e 1671 podem corresponder a obras. No final do primeiro quartel de Setecentos há registo de uma pequena comunidade de eremitas que habitaria junto à ermida, talvez sazonalmente. Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., pp. 620 (nota 545) e 623. Mais tarde, em 1817, o santuário seria renovado e
- construíram-se quartéis. João VASCONCELOS — *Romarias I. Um Inventário dos santuários de Portugal*. Lisboa: Olhapim, 1996, vol. 1, p. 123.
- <sup>15</sup> José MARQUES — *Os Itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1978, passim.
- <sup>16</sup> A antiguidade do culto a Santa Maria de Azinhoso (Mogadouro), em documentos medievais também venerada como Nossa Senhora da Encarnação, remontaria, segundo Viterbo, à época da monarquia galaico leonesa, afirmando ainda que, em 1114, o local é nomeado como sendo um dos limites do arcebispado bracarense. Joaquim de Santa Rosa de VITERBO — *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram...* 2.ª ed. revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865, tomo I, p. 111.
- <sup>17</sup> No santuário da Senhora da Serra também havia festa da Senhora das Neves. A devoção, de origem popular, teve aceitação e a celebração entrou para o calendário litúrgico bracarense durante o arcebispado de D. Fernando da Guerra. José MARQUES — *A Arquidiocese de Braga no Século XV*. Porto: edição de autor, 1981, vol. II, p. 958.
- <sup>18</sup> Carlos Alberto Ferreira de ALMEIDA — "O culto a Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva antropológica". *Revista de História*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1979, vol. 2, p. 8.
- <sup>19</sup> O rei ordena, em 1537, a delimitação da fronteira portuguesa a Mendo Afonso de Resende, com uma precisão inimaginável para o seu antecessor D. Dinis: no dia 21 de Junho de 1538, Mendo Afonso demarca o limites na zona de Outeiro, fazendo, no dia seguinte, o mesmo no território de Bragança. José Viriato CAPELA et al. — *As Freguesias do Distrito de Bragança nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga: s. n., 2007, p. 88.
- <sup>20</sup> Alves 1996: passim.
- <sup>21</sup> Mário Barroca encontrou duas inscrições no exterior da igreja que poderão aludir a obras nos séculos XIII e XIV. Mário Jorge BARROCA — *Epigrafia Medieval Portuguesa*. Porto: edição de autor, 1995, vol. 2, t. 2, pp. 960 e 1580.
- <sup>22</sup> A igreja recebeu a protecção do arcebispo D. Fernando da Guerra, tendo sido transferidos para obras dinheiros destinados à Matriz de Ponte de Lima. Maria Ifigénia Lima Evangelista da SILVA — *A Igreja Matriz de Ponte de Lima: Monografia*. Porto: edição do autor, 1971, pp. 32 e 193-195. Apud José MARQUES — Ob. cit., vol. 2, p. 694, nota 765. Ver ainda Lúcia Cardoso ROSAS — "Igreja de São Martinho de Azinhoso". *Do Douro Internacional ao Cão. As Razes de uma Fronteira*. Porto, 2000, CD-Rom.
- <sup>23</sup> Pinturas semelhantes, datáveis entre os anos de 1477-1488, foram encontradas no frontispício da Sé de Braga. Luís Urbano AFONSO — "As pinturas murais (século XV) do pórtico axial da Sé de Braga". *Mínia*, série III, n.º 4 (51-76), pp. 64-65.
- <sup>24</sup> Sobre Frei Luís Eanes de Madureira: Francisco Manuel ALVES — Ob. cit., t. IV, pp. 509-511.
- <sup>25</sup> Gómez Moreno ressalta a tradição espanhola de capelas da cabeceira quadradas que prevalece em Zamora. Manuel GÓMEZ MORENO — *Catálogo Monumental de España. Provincia de Zamora (1903-1905)*. Madrid: Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes, 1927, p. 89. Ver, também: Isidro Gonzalo Bango TORVISO — *Alta Edad Media: de la tradición hispanogoda al románico*. S.I.: Sílex, 1994, pp. 86, 92-96 e 122.
- <sup>26</sup> Como exemplos comparativos (fig. 8): Algosinho (a) e Azinhoso (b) e Senhora da Ribeira (c), ou Santa Maria de Paiva (Ermida, Castelo de Paiva) (g), Matriz de Armamar (h) e São Cristóvão de Coimbra (três naves, abobadadas - demolida) (i). Cf. também Alberto Gil SILVA et al. — *Igrejas colúndrias*. Porto: s.n., 2004-2005, texto policopiado, trabalho académico elaborado para a cadeira de História da Arquitectura Portuguesa da licenciatura em Arquitectura, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Incluiu o levantamento sumário e desenho esquemático da ermida da Senhora da Serra (fig. 8d).
- <sup>27</sup> António Rodrigues MOURINHO (Júnior) — *Arquitectura Religiosa da Diocese de Miranda do Douro-Bragança. 1545-1800*. Sendim: s. n., 1995, pp. 168-170; Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., vol. 2, p. 378.
- <sup>28</sup> António Rodrigues MOURINHO (Júnior) — Ob. cit., pp. 157-158; Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., vol. I, p. 611.
- <sup>29</sup> António Rodrigues MOURINHO (Júnior) — Ob. cit., p. 156.
- <sup>30</sup> Granja, Casal, Vilar, Breia, Facho, entre outros topónimos caracterizadores da morfologia física, denotam a condição de desbravamento da paisagem. J. Leite de VASCONCELOS — *Etnografia Portuguesa Tentame de Sistematização*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, vol. 6, pp. 648-649. São Pedro da Silva e Granja de São Pedro, além da proximidade às Minas de Santo Adrião (mármore e jaspe), situam-se não longe da antiga via romana e medieval que vertebrava as terras de Miranda como um "cardo". Entrava em Portugal por Aliste, desfiando sítios de povoamento e lugares de devoção como os santuários de Nossa Senhora do Naso e da Senhora do Monte de Duas Igrejas, antes de voltar a internar-se em terras de Espanha. Referência a essa via romana, também designada "caminho mourisco", ou "La Vereda". Manuel GÓMEZ MORENO — Ob. cit., pp. 56-57.
- <sup>31</sup> Poderiam ser citados mais exemplos de igrejas paroquiais: com duas naves, Santa Ana de Fonte de Aldeia (Miranda do Douro) e, com três naves, São Gens de Parada (Bragança) e São João de Corveira (Valpaços), já no distrito de Vila Real.
- <sup>32</sup> A Igreja de São Martinho de Peso pertencia ao termo de Penas Roias e integrava a comenda de Mogadouro, da Ordem de Cristo. Pedro DIAS — *Visitações da*

*Ordem de Cristo de 1507 a 1510. Aspectos Artísticos*. Coimbra: Instituto de História da Arte/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1979, pp. 41-46. António Mourinho (Júnior) refere que a igreja existia já em 1462 e "seria de uma só nave". O acrescento de outra nave dataria dos finais do século XVI ou início do seguinte. António Rodrigues MOURINHO (Júnior) — Ob. cit., pp. 281-282 e 287.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, pp. 446-448; Luís Alexandre RODRIGUES — Ob. cit., vol. I, pp. 612-615.

<sup>34</sup> É possível que a pedra esculpida seja a mesma que foi descrita pelo abade de Baçal. Uma lápide de mármore branca, no adro, à mão esquerda da porta de entrada. Seria "romana e funerária" e teria desaparecido a inscrição. Francisco Manuel ALVES — Ob. cit., t. IX, pp. 110-111. O desenho que junta, por demasiado esquemático, não concorda em proporção e forma com a pequena arcada com quatro arquinhos ultrapassados esculpidos, mas o tema é idêntico.

<sup>35</sup> Tais elementos arquitectónicos têm ornamentação diferente e teriam estado em posição adossada. Porventura, tratar-se-ia de duas bases e dois capitéis (aplicados em posição invertida), como poderia indicar, o que parece ser um apontamento de gola. As bases teriam sido integradas no primeiro tramo, os capitéis no segundo. O diâmetro das colunas seria maior do que os pés-direitos sob os quais estão colocadas as peças. Na organização dos pés-direitos da obra moderna ter-se-iam esculpido ornamentos, nas impostas, procurando estabelecer uma correspondência com o elemento inserido na base (primeiro tramo, do lado do Evangelho). No segundo tramo as impostas têm modinatura de referente clássico. Lúcia Rosas indica o início ou meados do século XV para a reconstrução da nave de Algosinho. Lúcia Cardoso ROSAS — "Igreja de São Martinho de Azinhoso". *Do Douro Internacional ao Cão. As Raízes de uma Fronteira*, pp. 432.

<sup>36</sup> Muito perto, na área de Vila Ala, terá existido um *pagus Astiatico*, ao que supõe Almeida Fernandes, uma *civitas* relacionada com uma antiga povoação fortificada; integraria o elenco de *villae* na época do "Parochiale" suévico. A. de Almeida FERNANDES — *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1997, p. 52 e 63.

<sup>37</sup> Fuste, capitel e imposta, nas jambas do arco triunfal, e siglas da igreja de Armamar são semelhantes a elementos congêneres da igreja de Salzedas, que, actualmente, são visíveis dentro dos pilares da reforma barroca. A presença de siglas idênticas é referida por Ricardo TEIXEIRA — "Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro". In Geraldo J. A. Coelho DIAS — *Cister no Vale do Douro*. Porto: GEHVID, 1999, pp. 213 e 232-233. As impostas dos arcos das capelas de Salzedas serão, na opinião de Manuel Real, (...) *nunca anteriores aos finais do Século XII* (...). Manuel Luís REAL — "A construção cisterciense em Portugal durante a Idade Média". *Arte de Cister em Portugal e Galiza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, pp. 41-97 e 59. A data de 1392 afixa-

da junto à porta travessa norte da Igreja de Armamar (Mário Jorge BARROCA — Ob. cit., vol. 2, t. 2, p. 1564) relacionar-se-á porventura com obras efectuadas na cabeceira, para acomodação de dois absíditos, quando da passagem do padroado da igreja para a casa dos Marialva, em 1384.

<sup>38</sup> A ermida beneficiou de obras, entre os séculos XV e XVI, na sequência de uma visita de D. João II e D. Leonor (depois, o rei seguiria só para Vila Real e Bragança). Conservam-se os portais e o arco triunfal e ter-se-á mantido a disposição de três naves, mas os elementos de suporte e armação de madeira da cobertura foram substituídos, no terceiro quarto do século XIX, dando origem a uma réplica neoclássica da estrutura.

<sup>39</sup> Na área da diocese de Lamego, é o caso das igrejas de São Miguel de Armamar e de Santa Maria de Fonte Arcada (fig. 8f), que também enceta, no século XVI, uma reforma parcial do corpo das naves segundo o modelo colunário.

<sup>40</sup> A. Nogueira GONÇALVES — "A Igreja de Ferreira de Aves e os seus elementos românicos". *Ocidente*. Lisboa, 1966, vol. LXX, separata da revista. A transformação da igreja primitiva faz-se por ampliação lateral, constituindo três naves, mas conservando a parede sul preexistente (um comprimento definido não foi cumprido). O deslocamento do eixo central da igreja implicaria a reconstrução da ousia, como determinado no projecto, e da fachada. Confirma-se o princípio de ampliação com aproveitamento de partes da estrutura antiga.

<sup>41</sup> O termo "olivellado" surge, de modo recorrente, nas descrições de obras constantes do *Livro de Visitações da Ordem de Cristo*, encontrando-se associado a certas soluções de armação de coberturas com forro, linhas ou asnas e madeiramento lavrado ou em painéis. Pedro DIAS — Ob. cit., vários documentos. "Mourisco", no contexto, mais do que uma expressão associada ao "manuelino", teria a ver com a continuidade de um gosto, que lhe é anterior e que se vai manter vivo, nos séculos seguintes, no *mauresque*, consagrado em obras como o livro de modelos *La fleur de la science de la portraicture*, de Francesco Pellegrino, editado em Paris no ano de 1530.

<sup>42</sup> António Nogueira Gonçalves chamaria a atenção para a perda desse tipo de tectos: (...) *A própria modificação dos estilos, com a introdução da fórmula em caixotões, o melhoramento da arte de construir, com a independência da armação dos tectos e a dos telhados, desgostou destas fórmulas simples dos habitantes das paróquias. Depois de certa época ninguém mais quis barotes à vista* (...). A. Nogueira GONÇALVES — Ob. cit., p. 89.

<sup>43</sup> *Dedicatio hujus Basilicae Divi Jacobi Aposatoli Colimbriensis Martyrologico*. In Augusto Mendes Simões de CASTRO — *Guia Histórico do viajante em Coimbra e Arredores...* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1867, p. 90.

<sup>44</sup> As *Inquirições* informam que a fundação desta vila rústica (Befega ou Arrefega) se deveu aos freires templários de Alcañices, juntamente com filhos de D. Nuno de Zamora. *PMH Inquirições*, vol. I, pp. 1280-1282. José MARQUES — Ob. cit., p. 530.

## DOSSIÉ: Bragança

Trás-os-Montes, *Compendio das Observações que formam o plano da Viagem Política, e Filosófica* a partir de Vergílio Taborde

Bragança, cidade-fortaleza *setuada no extremo de portugall e castella*

Bragança e a casa ducal: comunicação política e gestão senhorial, séculos XV-XVII

Bragança: urbanismo e arquitectura na Época Moderna

Fortificação da fronteira nordeste: a cartografia militar e a praça de Bragança (1640-1840)

Donzelas no castelo: culturas religiosa e secular nos murais de São Francisco de Bragança

Castro de Avelãs: o estranho caso de uma igreja de tijolo

Igrejas colunárias com tectos de madeira

A acção da DGEMN em terras de Bragança

Bragança, a cidade dos meados do século XX: planos, edificações, ideias modernizantes

Alfredo Viana de Lima em Bragança

O "caso" do concurso da Sé de Bragança

Pousada de São Bartolomeu, em Bragança: a primeira pousada (pós-)moderna

Nem neogarrettianos nem Vencidos da Vida: uma pastoral transmontana

A intervenção no Museu do Abade de Baçal: no tempo da democracia

São Francisco na actualidade: entre o ruído e o silêncio

O rosto do enigma ou o gosto pelo enigma: o imaginário transmontano na obra de João Vieira

## VÁRIA

As roças de São Tomé e Príncipe: o fim de um paradigma

Os cofres do Palácio Foz: a primeira estrutura de conservação cinematográfica da Cinemateca Portuguesa

# monumentos

== IH Instituto da Habitação  
== RU e da Reabilitação Urbana



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,  
DO MAR, DO AMBIENTE  
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO